

# De mãos amarradas



GUIDO  
MANTEGA

**S**e o leitor está nervoso com a situação brasileira e fica supersticioso em agosto, deve evitar as páginas econômicas dos jornais, que andam carregadas de más notícias. Como se já não bastasse o imbróglio da Argentina e as trapalhadas do governo FHC, agora existe o risco de uma crise mundial desabar sobre nossas cabeças. Pelo menos é o que alardeiam respeitáveis órgãos de imprensa como o "The Economist" desta semana, que sugere que a economia mundial pode já estar mergulhando numa recessão. Aliás a capa dessa revista inglesa estampa uma foto muito sugestiva de um sujeito no parapeito de um alto edifício, prestes a se atirar, sob a legenda de "o que fazer na recessão". Não creio que seja o caso de desespero, mesmo estando sob a administração da equipe do Sr. Malan, que

por sinal anda sempre muito otimista. Diz-se que um membro destacado da equipe econômica caiu do trigésimo sexto andar e, ao passar pelo nono, lhe perguntaram: "Como está a situação brasileira?" "Até aqui tudo avança maravilhosamente bem."

Mas para os mais pessimistas, a situação inspira cautela, principalmente num país que está permanentemente no fio da navalha, antes da crise mundial. Uma recessão atingindo as metrópoles e seus principais satélites, deve contrair o comércio mundial e afugentar os investimentos dos países emergentes, principalmente os de maior risco. Fazendo secar justamente as fontes que o Brasil mais precisa para superar o atual impasse financeiro: mercado para nossas exportações e capitais para fechar o balanço de pagamentos.

Por enquanto essa crise mundial ainda não está plenamente configurada, apesar das notícias alarmistas. Concretamente, existe uma retração acentuada das taxas de crescimento do PIB, tanto nos EUA quanto na União Europeia e no Japão, que arrasta os emergentes mais conectados a esses mercados. Somente nos EUA, que é a

locomotiva do comércio mundial, as importações devem cair 26% em 2001 e as exportações encolherão cerca de 10% em relação ao ano anterior. A lista de países que terão crescimento próximo de zero é longa. A novidade é que há um abraço de afo-gados entre os ricos e os emergentes, inexistente em crises passadas.

A exceção, nesse quadro sombrio, fica por conta da China e da Índia, cujo PIB crescerá respectivamente em 8% e 5%, nada mal para um ano razoável como 2001. Os dois países mais populosos do globo mantiveram um grau menor de abertura comercial e souberam participar da globalização preservando uma certa autonomia financeira, cautela que outros emergentes como o Brasil certamente não tiveram.

Mas a maioria dos países avançados pode usar uma arma poderosa para atenuar a recessão. Abrir as torneiras do crédito e tornar o dinheiro mais barato, para tentar animar os investimentos. Os países da União Europeia já cogitam até em alterar as metas de superávit impostas pelo acordo de Maastricht, para fazer também uma política fiscal mais expansionista. Semana passada o Fed baixou a taxa de juros inter-

bancária para 3,5%, o patamar mais baixo desde abril de 1994. Baixas taxas de juros certamente são um antídoto forte contra recessão, mas é um remédio demorado e nem sempre o paciente reage conforme o esperado. Keynes nos ensinou que diante de um futuro incerto os empreendedores podem recusar até dinheiro barato ou evitar investimentos, mantendo a "preferê-

---

**Uma recessão atingindo as metrópoles deve secar as fontes que o Brasil mais precisa para superar o atual impasse financeiro**

---

cia pela liquidez", conforme se verifica no Japão. Nesse caso podemos apostar que 2001 será um ano ruim para todo mundo.

No Brasil as coisas são bem mais complicadas. Na contramão desse processo de afrouxamento monetário e fiscal, o governo amarrou as próprias mãos para combater a recessão devido à crise financeira e em função do seu viés conservador. A política fiscal de superávits primários acima

de 3%, que implica em cortes de gastos e investimentos em setores estratégicos como energia e transporte, contribuirá para a redução das atividades.

E a política monetária de juros permanentemente altos, praticada pelo Copom, que manteve a Selic em 19% na última reunião, é um freio para a economia, e um veneno para o déficit público. Esse poderoso instrumento está "jogando contra" em função da mentalidade do BC e das pressões inflacionárias oriundas da desvalorização do real e aumento de tarifas. Certamente não é fácil baixar os juros no Brasil devido à dependência de capitais externos para cobrir o déficit de conta corrente. Mesmo assim, dada a gravidade da situação e levando em conta esses limites, convém rever a meta de inflação de 2001, baixar prudentemente os juros e desamarrar a economia, para enfrentar os dias difíceis que poderão vir pela frente.

---

**Guido Mantega**, doutor em economia pela USP, professor da FGV-SP e autor de "A Economia Política Brasileira" e "Conversas com Economistas II", escreve mensalmente às quintas-feiras.  
E-mail: gmantega@fgvsp.br